



2. UJR E AS TAREFAS DA JUVENTUDE REVOLUCIONÁRIA

“Em outras palavras qual deve ser a tarefa primeira de todo o jovem revolucionário? A primeira tarefa deve ser a de aprender o comunismo, não de maneira livresca como fez a velha escola, mas de maneira viva e criadora, fundindo o estudo a experiência prática da vida”

A UJR se define como uma juventude de vanguarda de nosso país e combatente auxiliar da classe operária e seu partido, o Partido Comunista Revolucionário, na revolução proletária que libertará nosso povo da exploração capitalista.

A juventude carrega o futuro em suas mãos e dela se forjarão futuros quadros para a vanguarda do proletariado. Mas para cumprir esse honroso papel é necessário reforçar cada vez mais a ideologia revolucionária em seu interior e os princípios leninistas de organização, transformando a UJR numa verdadeira fortaleza, numa escola do socialismo.

2.1. FORTALECER A UJR NOS NÚCLEOS

Nossa escola do socialismo começa a partir dos núcleos da UJR. Neles os jovens secundaristas, universitários dos bairros populares, das fábricas e empresas ingressam movidos pela indignação e com grande agitação e expectativas. Muitos não conhecem a ciência do marxismo, outros possuem algum conhecimento da teoria, mas lhes falta a prática revolucionária organizada.

Portanto a tarefa fundamental do núcleo é transformar a indignação e a rebeldia desses jovens, numa consciência de classe, tornando esse jovem um comunista revolucionário.

Ser assistente de um núcleo é tarefa de grande valor. Ao assistente cabe guiar os primeiros passos do jovem revolucionário apoiando sua formação teórica através do estudo coletivo e individual, e assumindo a responsabilidade por parte de nosso trabalho revolucionário no local ou área de atuação dos companheiros do núcleo. A tarefa de assistência deve ser encarada com prioridade na UJR, destacando companheiros capazes para tal atividade e com acompanhamento das coordenações estaduais e da coordenação nacional.

O núcleo deve ter reuniões semanais e ser um organismo vivo. Devemos estimular seu espírito de iniciativa na elaboração de atividades de propaganda de nossa política, de finanças, de brigadas. De outra forma deixamos que um companheiro que optou por ser um revolucionário fique entregue a dispersão e a ideologia burguesa e depois nos queixamos e inventamos as desculpas mais mirabolantes para justificar sua saída da organização. Além disso, todo o coletivo da UJR deve elaborar sua lista de simpatizantes da UJR para serem recrutados e ampliar o nosso trabalho político.

No núcleo também se dá os primeiros passos na formação da disciplina revolucionária do militante e no exercício da crítica e da autocrítica. A disciplina deve se iniciar no cumprimento do horário marcado para a reunião do coletivo e para as atividades revolucionárias sejam ela deliberadas pelo núcleo ou gerais.

O primeiro ponto das reuniões é o estudo que deve ser previamente organizado pelo assistente e aprovado pelo coletivo. É indispensável que o núcleo tenha um programa de estudos em que se saiba quais textos estudar. Os textos devem esclarecer aos militantes a nossa ideologia, os conceitos básicos do marxismo-leninismo (centralismo democrático, luta de classes, imperialismo, mais-valia, materialismo dialético), a história de luta dos povos e a conjuntura atual sobre o olhar revolucionário.

O militante deve dedicar um tempo para sua formação individual no marxismo orientada pelo assistente, pois além de fazê-lo avançar mais rápido contribuirá para forjar sua disciplina. É indispensável também a realização de cursos de teoria marxista gerais da UJR periódicos e ativos como forma de aprofundar o estudo, avaliar o trabalho e contribuir para a coesão da militância.

Também é importante que entendamos o papel da prática esportiva para cada militante, pois isso nos dará mais condições e preparação para as tarefas cotidianas, além de representar para nossa vida mais saúde e disposição. Cada revolucionário precisa entender que sua condição física pode e muito contribuir com a luta e que não podemos descuidar dela.

Rigor no cumprimento das tarefas deliberadas também é parte importante da disciplina. Os militantes devem batalhar para que toda proposta aprovada em seu coletivo seja devidamente cumprida.

Deve-se criticar os membros do coletivo que se atrasam ou que não cumpriram sua tarefa, de forma a forjar um espírito de autocrítica nos militantes, a começar pelo assistente que deve se lembrar

que sua posição exige mais responsabilidade e não imunidade nem as críticas do coletivo nem da necessidade de fazer autocrítica. A crítica e a autocrítica devem ser praticadas com espírito de camaradagem e com o objetivo que todos cresçam como jovens combatentes e superem suas debilidades.

A ideologia burguesa nos disputa todo o tempo. O individualismo, o machismo, a preguiça, a falta de camaradagem e de compromisso com o que é coletivo são expressões da ideologia da classe dominante que para manter sua dominação sobre os trabalhadores. Não estamos livres desse mal e para combater dentro de nós estas práticas é que serve a crítica e a autocrítica e o coletivo da UJR.

Queremos construir uma nova moral, a moral comunista da sociedade livre da exploração, baseada na humildade, no espírito coletivo, no respeito e igualdade entre os homens e mulheres, e para isso nossos coletivos e companheiros devem se forjar como o espelho da sociedade futura. Dessa forma nos sentiremos homens e mulheres mais livres, avançaremos o nosso trabalho revolucionário e contagiaremos a juventude ao nosso redor para se juntarem a nós na luta pela revolução e o socialismo.

2.2. A ORGANIZAÇÃO, DIREÇÃO E PLANEJAMENTO DA UJR

Para que todas essas tarefas dos núcleos sejam cumpridas com êxito, para assegurar o avanço e a centralização de todo o trabalho da UJR, para que se fortaleça a ideologia revolucionária e a moral comunista é indispensável uma direção sólida e estável por parte da Coordenação Nacional (CN) e das Coordenações Estaduais (CE's).

Em praticamente todos os estados, vivemos desde o segundo congresso uma importante renovação nos quadros da UJR. Várias foram as transferências realizadas para outros setores do trabalho do Partido, e dessa forma a juventude tem dado uma importante contribuição com o desenvolvimento de nossa organização. Podemos fazer muito mais, e para tanto é preciso garantir uma correta promoção e direção nesses períodos de transição.

Isso exige de nós, mantermos um debate permanente sobre a utilização dos quadros e a sua disposição nos organismos de direção da juventude, garantindo que as coordenações estaduais e a coordenação nacional possam desenvolver satisfatoriamente suas tarefas.

As Coordenações Estaduais devem ser constituídos dos principais companheiros da UJR do estado, que mais se destacam nas tarefas de assistência e do movimento de massas. Esse coletivo deve reunir-se pelo menos uma vez por mês sendo sua obrigação ter conhecimento da situação da juventude e os seus principais problemas em cada estado além de elaborar a política para cada local onde a UJR atua ou pretende atuar. Cada Coordenação é responsável por discutir e fazer encaminhar a política e as tarefas deliberadas na CN de acordo com o princípio leninista de organização.

Um dos problemas centrais que temos enfrentado na política de organização da UJR é a subestimação do papel e do funcionamento da CE. O resultado é que o trabalho da UJR se torna pouco centralizado, espontâneo, sem um plano de atuação para um período minimamente prolongado e sem coesão, reforçando o espírito de frente tão nocivo ao trabalho revolucionário: os companheiros da frente secundarista vão para um lado, os universitários para o outro, e nosso trabalho ao invés de ser o de uma organização de juventude que tem por objetivo despertar os jovens para uma luta revolucionária fica parecendo o trabalho de entidades estudantis, cada um com sua categoria.

Sem direção centralizada não há trabalho revolucionário. Nossos principais militantes devem dedicar-se ao seu funcionamento, dirigindo os núcleos, garantido a participação e a direção da UJR nos principais movimentos de massa da juventude, promovendo uma análise dos quadros de nossa organização juvenil e promovendo novos quadros para o organismo.

Para essa política de formação e promoção de novos quadros, a UJR precisa se valer de uma série de atividades de formação política e ideológica de sua militância, através de cursos de formação, encontros, ativos, exibição de filmes revolucionários, da prática da camaradagem e na força do exemplo de seus militantes e dirigentes.

Quanto ao exemplo, cabe destacar a importância de cada companheiro e companheira se desvencilhar dos vícios e da moral burguesa, para adotar uma nova moral para suas vidas, entendendo o papel de cada um na construção da nova sociedade. Se formar com base na moral revolucionária, com um profundo sentimento de solidariedade e dedicação a luta pela revolução.

Às coordenações cabe também o balanço do nosso trabalho nas principais lutas e atividades em que a UJR esteve envolvida além de fazer um balanço do ano e o planejamento criterioso do trabalho, deliberando metas de recrutamento e de aumento da influência da UJR na massa.

Nesse sentido precisamos por as coordenações estaduais em funcionamento, resolvendo de imediato o problema nos estados em que a coordenação ainda não existe, e garantindo sua plena atividade onde ela está formada. Essa é uma questão chave para fortalecer o contato da coordenação nacional com cada estado e núcleo da UJR, aumentando nossa capacidade de intervenção e coesão política.

2.3. AS TAREFAS DA CN E O COMBATE AOS MÉTODOS ARTESANAIS

Para avançarmos na organização da UJR é indispensável o fortalecimento de nossa coordenação nacional, a CN. Para isso é necessário que alguns companheiros que compõe a nossa direção nacional tenham como prioridade a tarefa de construção e organização da UJR. Só assim poderemos ter uma maior condição de acompanhar nacionalmente esse trabalho e se preparar para impulsionar a luta da juventude no Brasil.

O que ocorre como parte do trabalho artesanal e espontaneísmo ainda praticado por nós em matéria de organização é que o trabalho local é colocado acima do trabalho nacional e nossos dirigentes nacionais colocam muitas vezes em último plano as tarefas e compromissos de dirigentes nacionais. Precisamos romper com essa forma de trabalho, assegurando periodicidade nas reuniões da CN.

Para tanto, essa nova coordenação nacional precisa ainda garantir um efetivo de companheiros que assumam tarefas de âmbito nacional, o que nos permitirá ampliar a troca de experiências e formar dirigentes da UJR mais capazes, com uma condição maior de influir em todo o trabalho que realizamos. Contudo é necessário avançar numa política de finanças que sustente a efetiva realização dessa tarefa.

É preciso fazer um balanço de nosso trabalho e travar uma grande luta contra os métodos artesanais que ainda persistem em nossa prática. Quantas vezes ainda nos pegamos a deriva do movimento de massas sem um plano ousado e pensado de conquistar para a nossa influência organizações de massa importantes? Quantas vezes deixamos de fazer um plano de recrutamento de companheiros de determinada área importante para a UJR? É tarefa de nossa direção que tenhamos

um planejamento de longo prazo de crescimento e fortalecimento político e ideológico da UJR, sendo sua implantação devidamente acompanhada. Uma juventude revolucionária não deve ficar a reboque dos acontecimentos políticos, mas almejar estar à vanguarda do movimento e criar as condições para tal.

Nesse sentido a realização periódica de ativos regionais e por frentes, bem como o devido funcionamento das coordenações universitária e secundarista servirão para auxiliar no trabalho da coordenação nacional e permitirão concentrar suas ações sobre as tarefas de organização, a superação das principais insuficiências, e a formulação da linha política da UJR.

2.4. RECRUTAR COM MAIS OUSADIA É A NOSSA TAREFA

Nos últimos cinco anos o contingente de militantes da UJR cresceu e se fortaleceu e hoje estamos organizados e mais estados e temos uma presença maior no movimento de massas disputando e arregimentando mais jovens para a política revolucionária.

Entretanto a conjuntura de crise do capitalismo que se encontra na sua fase final, o imperialismo, exige da UJR mais ousadia na sua política de recrutamento. É preciso que haja um combate maior aos entraves que fazem com que nosso crescimento ainda seja aquém de nossas tarefas na sociedade.

Para isso é necessário primeiro que as CE's e a CN discutam um concreto plano de crescimento da UJR, elaborem metas ousadas, emulem e acompanhem o desenvolvimento dessa política.

Em segundo lugar devemos combater nos coletivos toda a intimidação e apatia nesse campo e promover atividades de ampla propaganda da UJR utilizando para isso o jornal A Verdade e panfletos assinados pela UJR que toquem fundo no problema da juventude em cada local. Em cada atividade de massa é necessário que o coletivo responsável destaque 1 ou mais companheiros responsáveis pelo recrutamento. Dessa forma não haverá passeata, ocupação ou qualquer outra atividade de luta que não haja novos aspirantes a UJR.

É importante que a juventude promova atividades especiais dedicadas a organização em que os mais experientes na matéria passem ensinamentos de como realizar os recrutamentos e a melhor forma de proceder a propaganda, através de plenárias de apresentação da UJR, cursos de formação política e de marxismo, brigadas e atos que tenham como foco a denúncia do capitalismo e a luta da juventude.

Devemos cuidar para que todos os militantes apresentem propostas de novos aspirantes a UJR. Isso deve ser estimulado por nossas direções de forma a contagiar toda a nossa militância com uma grande vontade de crescer. Recrutamento deve ser um ponto permanente nas reuniões dos coletivos. É preciso perguntar por que aquele militante combativo do grêmio, do CA ou do bairro ainda não é militante de nossa juventude e o que devemos fazer para que ele se torne.

2.5. A AGITAÇÃO E PROPAGANDA DAS IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS

Todos os dias, a burguesia difunde através dos meios de comunicação valores e ideias que tem como objetivo fortalecer o seu domínio de classe sobre os trabalhadores e a juventude. A burguesia não subestima a força das ideias na sociedade e precisa esconder que é a responsável pela miséria,

fome e desemprego no mundo. Com a desculpa de estar informando o povo dos acontecimentos impõe a visão de mundo dos exploradores, apresentando a luta do povo como baderna e caso de polícia, dizendo que as condições de vida estão cada vez melhores e dando destaque as fofocas e intrigas das novelas e seus artistas.

No Brasil todas as redes de televisão, os grandes jornais e rádios são propriedades privadas de não mais que dez famílias. São grandes empresas capitalistas preocupadas com seus lucros e comprometidas com as grandes corporações que as patrocinam e com os setores mais reacionários da sociedade. Exemplo disso é o caso de Sarney, político reacionário envolvido em recente escândalo de corrupção e dono de uma série de emissoras de rádio e da afiliada da rede Globo no Maranhão, a família ACM na Bahia, e tantos outros políticos, tudo isso graças aos seus serviços prestados às forças reacionárias do país desde a ditadura militar.

Uma das bandeiras fundamentais nesse debate é o da democratização dos meios de comunicação. Sem isso teremos mais dificuldades para combater o pensamento hegemônico apresentado pela burguesia através de seus jornais, rádios e programas de tv. Por conta dessa lógica, as inovações tecnológicas como a TV Digital, longe de representar novas portas de comunicação para o povo apenas servirão para reafirmar o predomínio daqueles que controlam a televisão brasileira.

A União da Juventude Rebelião deve ocupar a vanguarda nesse debate e mostrar às amplas massas que para garantir a democratização dos meios de comunicação precisamos combater a sua propriedade privada, permitindo a população verdadeiro acesso a esses meios. Apoiar e difundir as rádios comunitárias e defender o acesso dos movimentos sociais aos canais de televisão fazem parte dessa defesa.

2.6. O TRABALHO DA UJR COM JORNAL A VERDADE

Em dezembro de 1999, contribuímos com a fundação do JORNAL A VERDADE. Ao longo de seus 10 anos de existência o jornal tem cumprindo um papel fundamental nas denúncias do sistema capitalista, na formação política e ideológica de todos os militantes da UJR e dos leitores do jornal; na propaganda das ideias marxistas-leninistas e na divulgação das lutas e mobilizações dos povos e da juventude, em qualquer parte do mundo.

Durante esses 10 anos de JORNAL A VERDADE, tivemos alguns avanços importantes, a capa de nosso jornal deixou de ser de duas cores para ser colorido, as suas vendas também aumentaram e ampliamos a sua divulgação para 14 estados brasileiros. Temos agora, uma página na Internet que cumpre o papel de colocar com mais rapidez as opiniões dos comunistas sobre os fatos que ocorrem todos os dias.

Mas, infelizmente, há ainda várias debilidades no nosso trabalho de agitação e propaganda com jornal A VERDADE. Até hoje, há militantes da UJR que não pegam suas cotas individuais e quando as pegam não fazem o mínimo de esforço para vendê-las, há uma recorrente falta de prestação de contas, e mais, em alguns casos chegam a ponto de pegar as suas cotas e sequer ler o jornal. Temos ainda outras dificuldades, como o fato de poucos companheiros se esforçarem para contribuir com matérias para a redação, a falta de ousadia e persistência em sua vendagem e o pequeno trabalho de assinaturas na juventude.

As brigadas do jornal A Verdade, importante atividade de agitação política, contato com a população, formação dos militantes em tribunais populares são recorrentemente secundarizadas. Há bons exemplos no campo da agitação entre a juventude como as brigadas nas universidades do Ceará,

as brigadas nos trens do Rio de Janeiro e as diversas agitações de rua em São Paulo. Entretanto, a falta de regularidade e organização desse trabalho fez com que boas iniciativas não tenham continuidade.

2.7. CONHECER OS PROBLEMAS DA JUVENTUDE

Além do trabalho com o jornal A Verdade, que deve receber maior contribuição da UJR com matérias que apresentem os principais problemas da juventude em nosso país e no mundo é necessário aumentarmos a quantidade de materiais de propaganda da UJR. Para as atividades importantes do movimento de massa, para as manifestações de rua, quando há algum ataque aos nossos direitos devemos preparar panfletos especiais para expressar a opinião da UJR e convidar os jovens a ingressarem na organização. Precisamos também ampliar a quantidade de cartazes da UJR, bandeiras, adesivos e faixas em todos os estados. Para tomar o poder político, temos que deixar de ser amadores e sermos profissionais. A UJR tem que fazer campanhas políticas de denúncias vivas que possa propagandear o socialismo, como única alternativa para a libertação da juventude.

Atualmente, a internet é uma das formas que a burguesia utiliza para divulgar as suas mentiras. Devemos utilizar melhor esse meio de comunicação em nosso trabalho. O *site* da UJR foi grande avanço, agora é necessário que todos os militantes escrevam matérias e contribuam para sua constante atualização, além de aproveitar outros espaços bastante utilizados pelos jovens como o You Tube para colocar fotos e vídeos das lutas que organizamos. É importante organizarmos listas de e-mail de nossos contatos do trabalho de massa para o envio de materiais políticos.

Nesse III Congresso da UJR, temos que avançar o nosso trabalho de agitação e propaganda. Para melhor discussão desse trabalho devemos realizar ativos específicos sobre agitação e propaganda e definir metas ousadas de trabalho. Quanto mais propagandearmos o socialismo e a UJR mais jovens ingressarão em nossas fileiras. Essas metas devem compreender uma campanha de realização de brigadas nos grandes centros, nas escolas e universidades onde desenvolvemos ou queremos desenvolver trabalho político, a meta de alcançar a duplicação das cotas dos militantes, o aumento do número de matérias enviadas para o jornal A Verdade e para o site da UJR e a ampliação dos materiais de propaganda de nossa organização e do socialismo.

Uma medida que muito contribuirá com o nosso trabalho de agitação política e com a preparação de mais materiais que tratem dos problemas da juventude e apresentem nossas posições, é a criação de um jornal, pelo menos trimestral, da UJR. Com o jornal da UJR poderemos intensificar esse trabalho de agitação, mas claro, sem subestimar nossas tarefas com o jornal A Verdade e conseguir dar nossa cota de contribuição com a consolidação da imprensa popular e revolucionária no Brasil.

2.8. AS FINANÇAS E A CONSTRUÇÃO MATERIAL DA UJR

A nossa sociedade é caracterizada por uma incessante luta pelo poder, entre as duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado. A burguesia, instalada no poder há séculos, utiliza um poderoso aparato repressivo, os meios de comunicação e toda a estrutura social para barrar o avanço da luta e da organização do proletariado.

Para conseguirmos contrapor essa dominação montada pela burguesia é necessário aumentar nossa relação e penetração nas massas. Precisamos publicar mais panfletos e jornais, garantir a periodicidade da assistência dos núcleos mesmo nas cidades mais distantes, construir a UJR nos estados em que não estamos implantados, organizarmos e fortalecermos as bibliotecas nos estados,

passar a ter uma sede nacional, ou seja, dar as condições materiais para o nosso crescimento e desenvolvimento.

Não conseguiremos atingir esses objetivos e aumentar o enfrentamento a nosso inimigo de classe, a burguesia, sem superarmos as nossas limitações com o trabalho de finanças. Em que pese algumas iniciativas que demonstraram nosso potencial, ainda estamos longe de aplicar a política de finanças da UJR na sua totalidade.

A partir do II Congresso passamos a debater com mais profundidade esse tema, mas a subestimação com que tratamos a sustentação material da UJR não condiz com as nossas responsabilidades e com a decisão de fazer uma revolução no país. Precisamos ter uma postura de superação e de ousadia na política de finanças, e não nos contentar a nos lamentar diante do quadro atual, pois como bem disse Karl Marx, *“O poder material tem que ser derrubado pelo poder material, mas a teoria transforma-se, ela também, em força material quando ganha as massas”*.

2.9. NOSSOS DESAFIOS NAS FINANÇAS

O **primeiro desafio** é ganharmos toda militância para abraçar a tarefa da construção material da UJR. Persistimos com uma grande debilidade no pagamento das cotas de cada militante e isto, longe de ser uma formalidade, demonstra o seu grau de comprometimento com a revolução e sua organização. Mesmo não sendo um valor alto para cada militante, representa uma receita fundamental para o trabalho da UJR. Isso também expõe o pequeno esforço da direção em cada estado e dos assistentes de coletivos em travar um processo mais cotidiano de crítica e autocrítica nos coletivos. Nas palavras de George Dimitrov:

“A maior parte das vossas receitas financeiras deve proceder das quotizações. / Se houver negligências é preciso utilizar a persuasão, insistir diversas vezes e considerar a exclusão como a medida mais extrema. Habitualmente, quando ao fim de dois ou três meses se verifica que o membro não pagou as suas quotizações, procede a um trabalho de educação indispensável. Deve-se perguntar aos responsáveis que esforços de persuasão empregaram para os membros que não pagam as suas quotizações. Se o responsável se apressa em excluir um membro por este não ter feito seu pagamento, isso significa que segue o caminho do menor esforço. Esse responsável não pode ser de forma alguma um bom responsável.”

(G. Dimitrov, Secretário Geral da III Internacional Comunista)

Segundo desafio é identificarmos quem deve sustentar materialmente a revolução e sua organização política. Entendermos quem são nossos aliados para não perdermos a perspectiva revolucionária é fundamental.

Desenvolver atividades juntamente com as massas a exemplo dos Cursos de Teoria Marxista, seminários, palestras, jogos e festivais culturais nos permitem colocar a juventude em contato direto com o marxismo e nossa política, além de gerar recursos que se bem administrados podem cumprir um papel decisivo para a luta.

Criar uma rede de aliados ao redor de nossa juventude com professores, ex-militantes, intelectuais progressistas e todos os que sofrem com a exploração capitalista nos permitirá aumentar a área de influência da UJR e ganhar mais companheiros para contribuir com a luta. O nosso papel é convencer cada vez mais jovens para ingressarem neste exército revolucionário e ganhar setores que ainda não se propõem a militância, mas se honrariam em contribuir para revolução. É nossa tarefa formar círculos de aliados que contribuam periodicamente para UJR.

Sem dúvidas esses são nossos aliados nessa luta, e não a burguesia nacional como varias organizações insistem em dizer, e na prática apenas alimentam a ilusão de uma transformação na sociedade ao lado dos capitalistas.

Terceiro desafio Colocar em prática o princípio da auto-sustentação de nossas atividades. As entidades que dirigimos e os processos de eleições e congressos que participamos podem, além de se financiar, aportar recursos para nossa luta. Para tanto precisamos angariar apoio de aliados, da participação direta da juventude na busca dos recursos, nos sindicatos.

Com certeza, se modificarmos nossa postura com o trabalho de finanças, em pouco tempo passaremos a possuir maior capacidade de influenciar e mobilizar a juventude brasileira em sua luta contra a exploração capitalista. Assim, cada limitação no trabalho de finanças representa atrasar o trabalho da revolução e da libertação do povo. Construir materialmente a UJR é tarefa de todos nós e não podemos manter nenhum atraso em nossa política de finanças.

2.10. A UJR E O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Para uma juventude revolucionária é indispensável fortalecer as relações internacionais com outras organizações combativas no sentido de fortalecer a luta antiimperialista e a articulação e a solidariedade na luta pelo socialismo. Cumpre um importante papel a realização dos Encontros Internacionais da Juventude Antifascista e Antiimperialista.

A 21ª edição do encontro realizada em agosto de 2008, no Brasil possibilitou a UJR intensificar a relação com organizações revolucionárias de juventude, participando de atividades preparatórias do evento na Espanha e na República Dominicana, estreitando laços com as demais juventudes estrangeiras presentes (Equador, Venezuela, México, Turquia, França e Dinamarca).

O Encontro compreendeu sete dias de intensas atividades com painéis sobre a importância e atualidade do socialismo científico, os crimes do imperialismo, o desenvolvimento das lutas dos povos na Europa, os governos populares na América Latina e a resistência no Oriente Médio, além de grupos de debate onde houve uma intensa troca de experiência entre as delegações. O EIJAA deixou sua marca nas ruas do centro do Rio de Janeiro com uma combativa manifestação contra a implantação de bases militares dos EUA no mundo, que deixou o seu recado na embaixada norte-americana.

O trabalho de organização do EIJAA permitiria realizar maior propaganda da UJR entre a juventude, com plenárias preparatórias, panfletagem, e debates sobre os crimes do imperialismo e a construção do socialismo. Entretanto esse potencial não foi plenamente aproveitado por nós, visto que realizamos poucos recrutamentos nesse processo, o que evidência nosso amadorismo em matéria de organização.

A participação de companheiros da UJR na Brigadas Internacionais de Solidariedade à Cuba na década de 90, a organização da delegações da UJR no 19º Eijaa no México (2004) e 20º Eijaa na Dinamarca (2006), o envio de representações ao congresso da Juventude Revolucionária do Equador (2005) e ao Acampamento da Juventude da Turquia (2009) foram atividades que reforçaram a prática do internacionalismo proletário, além de propiciar uma grande troca de experiências sobre o enfrentamento com o capitalismo, a necessidade da organização revolucionária da juventude e da perspectiva de tomada revolucionária do poder.

Para ampliar a presença nas atividades internacionais devemos superar nossas limitações principalmente no que diz respeito ao levantamento de recursos para as viagens, que tem alto custo.

Em 2010, nossa tarefa internacionalista será a organização da delegação da UJR ao 22º EIJAA, em agosto na Turquia.

Devemos ter como objetivo que cada estado envie um companheiro e para isso precisamos desenvolver uma grande campanha de finanças que compreenda contribuição de aliados, atividades culturais e políticas. Nossa meta é ter uma delegação de no mínimo 10 companheiros. Não será tarefa fácil e essa preparação deve iniciar o quanto antes. Junto a isso, é necessário que cada estado promova debates sobre temas da conjuntura internacional como forma de aumentar nossa compreensão sobre os temas e estimular a mobilização para o EIJAA e o espírito do internacionalismo proletário.

2.11. O PAPEL DAS MULHERES NA LUTA PELA REVOLUÇÃO

Para tornar possível a construção da Revolução Brasileira, conquistar a classe operária e a juventude, ganhar a consciência das grandes massas oprimidas para necessidade de sua libertação e a construção do socialismo, é fundamental organizar as mulheres exploradas nessa causa.

No Brasil, as mulheres apesar de constituírem 51,2% da população, 88 milhões de pessoas, ainda têm uma pequena presença nos governos, parlamento e em cargos de direção na sociedade. E muito embora, desde 2002, as mulheres com mais de 10 anos de escolaridade já representassem 37,1% da população, enquanto os homens somente 26,6%, isso não as garantiu vantagens no mercado de trabalho. Pelo contrário, o rendimento de uma trabalhadora é apenas 71,5% do salário recebido por um homem na mesma função.

Além de vender sua força de trabalho, a mulher permanece submetida à escravidão doméstica, assumindo sozinha a educação dos filhos e as desgastantes obrigações do lar, como lavar, passar e cozinhar, resultando em uma pesada dupla jornada de trabalho.

Ao longo das últimas décadas, a luta das mulheres garantiu grandes avanços sociais. O voto, o divórcio, as leis contra a discriminação, contra o assédio, contra o abuso e a violência sexuais, foram importantes direitos conquistados. Mas essas conquistas não foram suficientes para por fim à opressão sofrida pela mulher. Sem dúvida, são imensas as barreiras que elas precisam enfrentar diariamente para vencer os valores e a exploração impostos pelas classes dominantes há séculos no país e no mundo.

De forma equivocada, a mídia dos ricos e uma parte do movimento feminista acabam reduzindo a questão da libertação da mulher com a questão da liberdade sexual. Assim, a mulher deve libertar-se da exploração da sociedade e do homem através de sua independência sexual, escondendo a verdadeira origem dessa exploração, a sociedade de classes.

Os meios de comunicação da burguesia impõem um modelo de mulher que reduz seu papel a um mero objeto sexual, como se independência fosse posar nua, fazer filme pornô ou seguir os estereótipos das novelas e das empresas de moda e cosméticos. Na prática esses valores visam perpetuar o machismo e incentivam a violência sexual, a prostituição legal e disfarçada, o tráfico de mulheres e meninas e o estupro.

A hipócrita sociedade em que vivemos fecha os olhos para a dura realidade das mulheres, em especial das mais jovens, e por conta da desinformação e dos tabus, são altíssimos os índices de gravidez na adolescência. Além disso, cresce a contaminação das mulheres com as DST's e o HIV. O aborto, ao invés de ser tratado como uma questão de saúde pública, continua envolto pelas regras

da igreja. Assim 1,2 milhão de abortos clandestinos são realizados todos os anos, colocando a vida dessas mulheres em risco para manter a falsa idéia de defesa da vida.

Os constantes casos de mulheres violentadas são uma demonstração da opressão que elas sofrem, na maioria das vezes, exercida por pessoas muito próximas, como maridos, namorados, pais, parentes e colegas de trabalho. É importante lembrar que são as mulheres pobres que mais sofrem com essa situação, por muitas vezes dependerem financeiramente do companheiro agressor. Em pleno século XXI, a cada 15 segundos uma mulher é espancada por um homem no Brasil.

Fruto dos valores impostos pela classe dominante, o sentimento da posse é uma constante nas relações afetivas e resulta em tentativas de impor maior submissão às mulheres como proibições de falar com amigos, usar determinadas roupas e freqüentar lugares. Há situações em que, não havendo sucesso em manter a opressão, as proibições se convertem em agressão e até morte. Um caso que ganhou destaque na mídia foi o da jovem Eloá, assassinada em outubro de 2008 pelo ex-namorado, após ser mantida por ele em cárcere privado na cidade de Santo André (SP). Eloá foi morta por ter terminado seu relacionamento.

É preciso por um fim ao machismo e as explorações da mulher na sociedade e para isso temos que atacar sua verdadeira causa, a sociedade capitalista. A verdadeira emancipação da mulher se dará apenas pondo fim a exploração econômica e social que ela é vítima, e isso só será possível numa nova sociedade, que tenha em suas bases os princípios da igualdade entre homens e mulheres, e não a mera obtenção do lucro.

A União da Juventude Rebelião deve aumentar suas atenções para a tarefa de somar mais companheiras às nossas fileiras, e para tanto devemos desenvolver lutas que atendam a bandeiras específicas das mulheres, como forma de estimular sua participação e as envolver nas lutas.

Outra questão importante é enxergarmos que as mulheres representam a maioria em boa parte das entidades que dirigimos, mas mesmo assim não conseguimos formar tantas companheiras como as que se apresentam à luta. Precisamos superar essa debilidade através de uma preocupação maior com a tarefa de formação e de promoção de mais companheiras para os organismos de direção da UJR, o que contribuirá no desenvolvimento ideológico de toda militância e nos permitirá, de forma mais efetiva, compreender o papel das mulheres na revolução.

Portanto colocar as mulheres na luta por sua libertação é tarefa fundamental dos comunistas e não podemos manter nenhum tipo de comportamento que contribua para o afastamento das mulheres da luta revolucionária, fato que apenas fortalecerá o nosso inimigo de classe, a burguesia.

3. PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA JUVENTUDE

3.1. JUVENTUDE TRABALHADORA

A precarização do trabalho não é novidade no sistema capitalista, vários são os casos de trabalhadores que exercem a profissão sob péssimas condições e com baixos salários, entre outros casos de exploração. Toda a classe trabalhadora passa por isso, mas a parcela da sociedade que mais sofre é a juventude.

O índice de desemprego na juventude é alarmante. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) com a parceria da Secretaria Nacional de Juventude, da Secretaria-Geral da Presidência da

República, e do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), analisou a situação da juventude no país, no período de 1992 a 2006. O documento, divulgado em 2009, apresenta alguns dados voltados para o segmento. O desemprego na juventude brasileira é 3,2 vezes maior que entre os adultos, e entre as mulheres jovens este dado é ainda pior, e atinge 70,1% contra 65,6% entre os homens.

O sistema capitalista ainda responsabiliza a juventude pelo desemprego que ela mesma sofre, dizendo que os jovens são despreparados, sem experiência e, por isso, não tem emprego, o que é uma grande mentira, pois é imprescindível para o capitalismo a manutenção de milhares de desempregados para formar um exército de reserva. Assim os patrões podem ameaçar de demissão os trabalhadores que lutarem por seus direitos e impor os baixos salários que querem somente para manter seus lucros. O fato é que poucos são os locais de formação para o jovem se preparar para uma profissão, e mesmo assim, é exigida experiência em vários postos de trabalho. No ensino técnico, que poderia qualificar os jovens para o trabalho, o número de vagas é muito pequeno e muitas escolas tem problemas de infra-estrutura para desenvolver um ensino adequado.

Outra dificuldade que a juventude enfrenta é a contradição entre o trabalho e o estudo. Muitos não conseguem conciliar as duas atividades seja pelas dificuldades financeiras, que faz com que o jovem assuma uma maior responsabilidade no sustento da família, seja pelos horários impostos pelo emprego, que obriga o jovem a largar os estudos e seus sonhos, uma vez que as escolas e universidades têm programas insuficientes de apoio ao estudante.

Como se não bastasse, os piores empregos são, em sua maioria ocupados por jovens, onde a precarização e a exploração são absurdas. O mesmo estudo denuncia que a juventude foi a parcela da sociedade que mais sofreu com a crise do capitalismo, justamente por ocupar postos de trabalho com menor remuneração e menores encargos para as empresas contratantes. Setores como estágios e carl centers, exemplo de trabalhos carregados de tensão, estresse e baixos salários, são em sua maioria esmagadora ocupados por jovens, deste modo o que fica com a juventude é um acúmulo de tormento, tensão e riscos de contrair doenças ocupacionais.

A situação de exploração é tamanha que de acordo com o relatório mundial sobre a juventude, elaborado pela ONU (Organização das Nações Unidas), revela que mais de 200 milhões de jovens entre 15 e 24 anos vivem com menos de um dólar por dia e 88 milhões não têm emprego. E mais: a maioria dos jovens trabalhadores vinha de famílias com renda aproximada de R\$ 275 per capita/mês.

No Brasil, um dado alarmante é a situação do trabalho infantil. De acordo com dados do IBGE, 10% da população de 5 a 17 anos trabalha, num total de 4,5 milhões de jovens, e apenas 520 mil possuem algum tipo de direito trabalhista. Para piorar, mesmo o trabalho para menores de 14 anos ser proibido pela Constituição, 1,3 milhão de crianças vive essa realidade sendo privadas de sua infância, e de uma devida alfabetização e desenvolvimento intelectual.

Apenas com a luta dos trabalhadores e da juventude conseguiremos manter de pé e ampliar os direitos trabalhistas que há décadas foram conquistados no Brasil. No caso da juventude, uma das formas de precarização do trabalho é a situação dos estágios, e mesmo com a aprovação de nova legislação que define 30 horas semanais e férias remuneradas, mantém a situação de exploração desses jovens, e sem a luta e a fiscalização para a efetiva aplicação da lei esses direitos não se concretizarão.

Na verdade o capitalismo escraviza a classe trabalhadora para produzir a riqueza de um punhado de magnatas, que acumulam mais e mais capital. Enquanto isso a juventude é usada como bucha de canhão e mão de obra barata. Por isso, só nos resta construir uma sociedade nova, onde não haja exploração do homem pelo homem, onde a juventude possa se desenvolver e estudar dignamente, trabalhando não pelo bem do patrão, mas de toda uma sociedade, a sociedade socialista.

3.2 A PARTICIPAÇÃO DO JOVEM NA LUTA SINDICAL

Apesar de todos esses problemas, apenas 0,7% dos jovens de 15 a 24 anos atuam no movimento sindical e 99% dos jovens nunca participaram de um sindicato (*relatório do I Encontro da Juventude Industriária –CNTI, julho de 2007*).

É preciso, portanto, identificar os anseios e levantar as bandeiras que sensibilizam a juventude. Representamos uma enorme reserva de forças que, pode dar um grande impulso no movimento sindical brasileiro, pois, são mais de 25 milhões os jovens trabalhadores no país.

A União da Juventude Rebelião pode contribuir com a organização dos jovens para a luta em defesa das melhorias nas condições de trabalho, por melhores salários, pela redução da jornada de trabalho, qualificação profissional e criação de mais oportunidades de emprego.

Devemos nos esforçar para criar núcleos da UJR nas fábricas e nas empresas; promover campanhas de sindicalização entre a juventude trabalhadora e lutar para que as pautas de reivindicações dos sindicatos contemplem os interesses da juventude.

Nesse sentido, torna-se fundamental a ação da UJR no meio dos trabalhadores, tendo por objetivo apoiar a organização da juventude revolucionária, fortalecendo e apoiando o Movimento Luta Classes (MLC), e assim dando a sua contribuição a luta da classe operária pelo fim da exploração do homem pelo homem.

3.3. A JUVENTUDE NOS BAIROS POBRES

Milhões de jovens brasileiros vivem nos bairros e periferias das grandes cidades. A falta de perspectivas e as péssimas condições de vida nessas regiões evidenciam que a sociedade capitalista quer manter esses jovens excluídos de seus direitos básicos.

Os bairros onde a maioria da juventude reside estão à margem da adoção das políticas públicas. Esses lugares não possuem escolas, postos de saúde, saneamento básico, oferta de trabalho e tampouco espaços de lazer, esporte, cultura. Além disso, os jovens ficam submetidos à violência policial do Estado burguês e reféns das máfias do tráfico de drogas. Basta comparar essa situação com a dos bairros onde moram os ricos nas grandes cidades para ver uma total diferença de tratamento, evidenciando a quem o Estado está a serviço.

Esse quadro não é exclusivo da vida cotidiana brasileira. Na França, a juventude que mora nas cidades e bairros da periferia de Paris promoveu intensas lutas e enfrentamentos contra a política de preconceito e discriminação do governo Sarkozy, jogando sobre os jovens o ônus da incapacidade do Estado capitalista de superar suas crises econômicas. Essas manifestações e conflitos na França mostram que a juventude não está disposta a se submeter à exclusão social, política e econômica e nem continuar jogada a própria sorte.

Nos últimos anos, milhares de ONG's receberam recursos de instituições governamentais, na casa dos milhões de reais para supostamente desenvolver projetos nas comunidades pobres. Mas esses projetos não atingem a maioria esmagadora da juventude e dos moradores dos bairros populares e uma boa parte deles servem apenas para isentar de impostos empresários que estão por trás.

Apesar do quadro de enormes dificuldades e exclusão, a juventude enfrenta essas condições precárias buscando seu próprio espaço, desenvolvendo lutas e resistindo através de manifestações culturais como o Hip-Hop, que atrai e politiza a juventude proletária.

Outro importante exemplo é o trabalho que vem sendo realizado pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB). A partir da luta pela moradia e pelos direitos do povo, inúmeros jovens têm despertado, entendido o seu papel na sociedade e a necessidade de construir o socialismo.

O contato dos militantes da UJR com o povo pobre nas ocupações e visitas nos bairros enriquece sua experiência de comunista e dá ensinamentos que são decisivos na formação política de cada jovem revolucionário.

Iniciativas já desenvolvidas demonstram que há um vasto espaço para que a UJR desenvolva um trabalho de organização nos bairros populares, em conjunto com o MLB. Para isso, é necessário apoio incondicional as ações desenvolvidas pelo MLB e, onde a realidade nos impuser construir as ações de reivindicação a partir da própria UJR, ajudar a organizar o MLB.

O envolvimento da juventude revolucionária nos problemas dos bairros permitirá desenvolver mais lutas e dar nossa contribuição na organização do povo, passo decisivo para a revolução.

3.4. A PRÁTICA ESPORTIVA

A prática esportiva cumpre um importante papel na formação dos jovens e das crianças, desenvolvendo através de atividades recreativas e esportivas, suas habilidades motoras e integração social, aprendizados que carregarão por toda sua vida.

Porém, os esportes em nosso país são tratados com um alto grau de subestimação e abandono por parte do Estado, e os jovens que buscam o esporte vêm ali apenas a esperança de sustentar a sua família. Para os grandes empresários cabe a obtenção de mais lucros para aqueles que controlam o meio esportivo.

Em nosso país essa é uma realidade antiga. A prática esportiva profissional do futebol recebe a imensa maioria das atenções e dos investimentos estatais, enquanto as demais modalidades, via de regra, permanecem a segundo plano, ou são considerados importantes apenas em grandes eventos esportivos, onde são utilizados para justificar obras bilionárias, como vimos no PAN do Rio em 2007 gastou R\$ 3,7 bilhões (Folha) e como se aponta para as Olimpíadas de 2016, com uma previsão apresentada pelo próprio governo na ordem de R\$ 28 bilhões.

Isso ocorre porque uma rica indústria se desenvolve no mundo do esporte, com algumas das principais marcas empresariais do mundo como Nike e Adidas, obtendo milhões a partir da produção de equipamentos esportivos. Para se ter uma idéia, a compra da britânica UMBRO por parte da Nike em 2007, representou uma transação de mais de R\$ 1 bilhão. A Nike, maior empresa do ramo, tem vendas anuais estimadas em mais de R\$ 30 bilhões (Último Segundo).

Outra forma bastante rentável se dá através da “venda” dos jovens atletas, em especial no futebol. A transferência de um único atleta pode chegar a R\$ 180 milhões, como ocorreu no caso do jogador brasileiro Kaká, em 2009. Motivados por esse exemplo, milhares de jovens brasileiros largam seus estudos, mudam de suas cidades, e direcionam todas as suas expectativas de vida para buscar a carreira profissional no futebol.

Acontece que no Brasil, diferente da falsa propaganda de enriquecimento para os jogadores profissionais, e cada vez mais cedo, jovens de 15, 16 anos são negociados para jogar em times do exterior e viajam na expectativa de ganhar milhões em futuras transações. A verdade é que 76% dos jogadores profissionais recebem até dois salários mínimos, 21% até vinte salários, e apenas 3% recebem os altos salários propagados na mídia.

Essa vinculação direta dos clubes e das empresas esportivas que dominam os passos de cada atleta, é que permite inclusive a manipulação de resultados, o favorecimento de determinadas equipes e que mantém a “magia do esporte” defendida pela burguesia, a que aumenta seus lucros.

É dessa forma que o país se prepara para a realização da Copa do Mundo em 2014. Obras bilionárias favorecendo as grandes empresas privadas e os clubes proprietários dos estádios a serem reformados. De acordo com o projeto dirigido pela CBF (presidida há décadas por Ricardo Teixeira) serão gastos na construção e reforma dos estádios R\$ 5,342 bilhões, e destes, 94% serão de verbas públicas.

Ou seja, a política esportiva no Brasil, contando com todo o apoio do Ministério dos Esportes, segue a mesma lógica da grande iniciativa privada, a de se apropriar de eventos esportivos com o maior objetivo de gerar lucro, e recebendo todo o apoio estatal em seu financiamento. A realização das Olimpíadas e da Copa do Mundo segue nesse sentido, e enquanto isso continuamos com a falta de uma verdadeira estrutura que valorize o esporte amador e o envolvimento das crianças e da juventude na prática esportiva.

Como se vê, o capitalismo transforma tudo a sua imagem e semelhança. A prática esportiva precisa resgatar seus verdadeiros objetivos, e isso é possível como já foi mostrado com o tratamento dado por diversos países socialistas a seus atletas e aos esportes durante várias décadas.

Precisamos entender o esporte como um elemento do cotidiano das pessoas, e desenvolver iniciativas que permitam um questionamento diante da situação que ele é submetido. Essa medida nos permitirá dialogar com milhões de jovens que acabam vendo seu direito da prática esportiva ser negado.

Promover o financiamento e a valorização da prática esportiva no país, passa pelo apoio ao esporte amador que envolve milhares de brasileiros e que passa inúmeras limitações financeiras. Apenas com uma mudança no foco do esporte brasileiro é que teremos uma nova realidade para o esporte no país.

A UJR deve organizar a juventude nessa luta, defendendo a construção de quadras poliesportivas, pistas e piscinas nas escolas e bairros, incentivar e apoiar esses jovens atletas, para colocar essa juventude em luta contra os grandes lucros das empresas capitalistas no meio esportivo, para que o esporte se torne de fato um elemento de unidade e integração entre os homens e não mais um instrumento para ampliar as desigualdades e as riquezas da burguesia.

3.5. DROGA É ALIENAÇÃO

A juventude possui um imenso potencial revolucionário. Nas diversas revoluções e lutas transformadoras pelo mundo, ao lado da classe trabalhadora, sempre deu valiosas contribuições e provas de abnegação e disposição à luta. Prova disso foi o envolvimento da juventude na defesa da Revolução Cubana quando na resistência frente a tentativa de invasão imperialista na Playa de Girón.

Ciente desse potencial e disposta a usar de todas as suas armas para manter-se com o controle da sociedade, a burguesia não mede esforços para manter a juventude afastada das lutas sociais e da revolução, propagando o individualismo, negando a necessidade da sua organização política, e incentivando e promovendo a alienação na juventude, sendo as drogas uma dos principais meios, apresentando para a juventude as falsas promessas de liberdade e de felicidade.

Basta andar pelas ruas para constatar o consumo por crianças e adolescentes a partir de 10 anos de idade da maconha, cocaína e das drogas sintéticas. Estas propagam-se com imensa facilidade nas festas, raves e universidades, possuem alto custo e representam um “status” social que esconde os seus efeitos.

Nos últimos anos, o crack tem sido a “novidade” que se prolifera principalmente nos bairros pobres das grandes cidades. De baixo custo, com alto poder de destruição do organismo, ataca a capacidade intelectual dos jovens e gera uma situação de dependência praticamente imediata.

Esse é um debate importante na juventude brasileira. A burguesia prolifera o sentimento de “independência” e de “autonomia” para os jovens e não se incomoda em ver milhares e até milhões de dependentes químicos, até porque se beneficia da fabricação e comercialização das drogas, e do tráfico de armas para manter sempre poderosos as grandes redes de venda de drogas o crime organizado.

Por sua vez, em vários setores das universidades e na mídia burguesa, se defende o “uso aceitável” e a legalização das drogas, o que na prática só aumenta na consciência da juventude a possibilidade de coexistência entre o vício das drogas e uma vida saudável e plena. Na verdade isso representa uma enganação, pois dia-a-dia, o consumo limita e impede o jovem de manter a sua verdadeira autonomia e independência frente a quaisquer substâncias e seus efeitos.

A legalização das drogas é um erro e contribuirá para entorpecer ainda mais a juventude. Precisamos é criar as condições para política de redução de danos, e principalmente por fim a criminalização do usuário e da recorrente violência policial a que são submetidos. Não será com repressão e mais violência que livraremos a juventude do mal das drogas, e sim da conscientização do papel de cada um na sociedade.

O que acontece é que por trás do consumo das drogas está em disputa um mercado que movimenta bilhões todos os anos, e que possui uma capacidade devastadora contra a consciência e a própria vida dos usuários.

Importante também é combatermos o tabagismo e o uso excessivo do álcool, que tanto mal fazem a juventude. Sob influência dos meios de comunicação e de suas ilusórias e milionárias propagandas, do exemplo da família, e da influência dos colegas, cada vez mais cedo se inicia esse uso, que apenas antecipa e desenvolve problemas para a própria saúde dos jovens. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, 70% dos jovens de 13 a 15 anos já experimentaram bebida alcoólica.

A juventude não pode desperdiçar sua capacidade criadora e seu potencial transformador frente ao famigerado caminho das drogas. Vítimas do uso e do tráfico milhares estão morrendo e vendo suas vidas serem consumidas unicamente para manter os lucros e a exploração da burguesia na sociedade. O exemplo dos Panteras Negras, e o quanto a luta e a sua organização sofreram com a proliferação das drogas numa ação orquestrada pela CIA dão uma mostra da capacidade devastadora das drogas para a luta revolucionária.

A União da Juventude Rebelião deve ser exemplo para a juventude brasileira na construção de um mundo novo, capaz de dar a cada indivíduo a felicidade plena, livre da exploração do homem pelo homem e só alcançaremos esses objetivos se dedicarmos e concentramos nossas atenções na luta pela revolução e o socialismo.

3.6. VIOLÊNCIA E CAPITALISMO

Em uma sociedade profundamente dividida em duas classes, consumida por suas contradições e sem condições de resolver os problemas do povo por conta de seu caráter explorador, a violência é uma consequência inevitável do capitalismo.

Acontece que para manter os grandes lucros das corporações, os salários são rebaixados comparados ao custo de vida e aumenta consideravelmente o número de desempregados. A recente crise econômica gerou mais de 50 milhões de pessoas desempregadas em todo o mundo e promoveu uma ofensiva contra os direitos dos trabalhadores e da juventude. Com isso, para conter a revolta da juventude e manter o regime de exploração é necessário recorrer à força, aumentando o policiamento nos bairros populares e o número de prisões.

Nas grandes cidades brasileiras os índices de violência e assassinatos são comparáveis até mesmo a países que vivem em guerra ou sobre intervenção, como é o caso do Iraque. Não à toa, os noticiários policiais têm em sua imensa maioria caso com jovens de 16 a 24, como vítimas de assassinatos e prisões.

O tráfico de drogas, irmão siamês do tráfico de armas, movimenta bilhões todos os anos e para manter seus fabulosos lucros se implanta nas favelas e bairros pobres, que é terreno fértil diante da falta de perspectivas da juventude, e torna-os soldados de um confronto que enriquece apenas os ricos desse país, os verdadeiros beneficiados com o tráfico. Além disso, toda a população das favelas é usada como escudo nos enfrentamentos.

Nos bairros pobres, gasto público vem apenas quando se trata em equipar a polícia para reprimir os trabalhadores e suas famílias. Exemplo disso é o que vem ocorrendo no Rio de Janeiro, onde a política fascista do Choque de Ordem e do “caveirão”, discrimina, humilha e massacra os pobres, tendo a juventude como a principal vítima.

Os jovens e o povo que luta por seus direitos são também tratados como caso de polícia pelo sistema dos ricos. Basta ver a repressão agir nas manifestações estudantis pelo passe, nas ocupações dos sem-teto pelo direito a moradia e nas manifestações do MST.

A cada hora pelo menos sete jovens entre 18 e 29 anos são presos no Brasil, sendo que para cada 187 jovens que ingressam a cada dia na prisão, apenas 118 saem. Desses a maioria são negros e pobres, evidenciando a quem servem as prisões no capitalismo.

No último ano, cresceu por todo o país medidas como “toque de recolher” e a retomada do debate sobre a redução da maioridade penal. A juventude não precisa de mais repressão, nem de redução de seus direitos. O toque de recolher é um flagrante descumprimento do estatuto da criança e do adolescente e do direito de ir e vir. A UJR deve estar à frente dessas reivindicações e se colocar ao lado da juventude em defesa da liberdade e da felicidade para a juventude e todo o povo.

Como fruto da desigualdade do sistema capitalista, a violência só será resolvida pela derrubada desse sistema e a construção do socialismo. Como forma de dar enfrentamento a essa questão é

necessário que a UJR desenvolva uma campanha de denúncias políticas contra a criminalização dos movimentos sociais, contra a repressão à juventude e mostrando o caráter das forças policiais e do sistema prisional no capitalismo.

3.7. A LUTA PELO DIREITO A EDUCAÇÃO

Permitir o acesso ao conhecimento, ler e escrever, desenvolver a pesquisa técnico-científica são questões básicas diretamente ligadas à educação. Porém, no Brasil, esse direito é gravemente atacado, e ainda possuímos uma população de milhões de analfabetos, atingindo 10% dos brasileiros. Se contarmos com os índices de analfabetismo funcional alcançamos 25% da população com mais de 15 anos, de acordo com dados do PNAD.

A tardia universalização do acesso ao ensino; uma concepção de educação em que o professor é o todo-poderoso detentor do conhecimento e que os estudantes aprenderão mantendo-se disciplinadamente sentados em suas carteiras escolares; escassa quantidade e má remuneração aos profissionais da educação; e a falta de financiamento do estado que permita o pleno desenvolvimento do aprendizado escolar são fatores que contribuem para o atraso da educação brasileira.

Com isso o resultado não poderia ser diferente: temos uma educação que não consegue alcançar o conjunto dos jovens, com baixa qualidade, pouco atrativa para os estudantes e uma gritante falta de professores, tornando a escola e a universidade ambientes pouco atrativos e sem conseguir dialogar com a sociedade.

Negar o acesso à educação representa uma das formas das classes dominantes manter e aprofundar a exploração sobre os trabalhadores, e, além disso, cria as condições de crescer e fortalecer a entrada do setor privado na educação, que representa alta lucratividade para os capitalistas.

Os quatro maiores grupos econômicos da educação superior (Anhanguera, Kroton Educacional, Estácio Part e SEB), juntos possuem suas ações avaliadas em R\$ 1,8 bilhão, e o setor detém 88,9% das matrículas no ensino superior. Tem sido visível ainda a vinculação do capital estrangeiro nessas instituições, e a fusão de grupos educacionais por todo o país, numa crescente monopolização da educação. Cada dia mais, o capitalismo tem conferido a educação o status de mera mercadoria e se valido inclusive de financiamento público para aumentar seus lucros e controle sobre o ensino.

Essa monopolização e a entrada do capital estrangeiro representam a perda da soberania nacional e do papel do Estado na oferta da educação, mesmo que a Constituição o assegure. Tudo isso tem ocorrido em sintonia com determinação da Organização Mundial do Comércio – OMC.

Lutar para conquistar uma educação libertadora, que emancipe o homem a partir do acesso ao conhecimento é uma das metas dos comunistas para a construção da nova sociedade socialista. Apenas conquistaremos essa educação transformando as bases da sociedade, garantindo a igualdade de condições do povo para seu acesso e assegurando a sua manutenção com os recursos do próprio Estado.

Para tanto, conhecer o que pensadores como Anísio Teixeira e Paulo Freire, e os russos Makarenko, Vigotsky, Krupuscaia e Pistrak, formularam sobre a educação e a construção de uma nova sociedade nos permitirá ter mais domínio sobre essa questão tão importante para nosso trabalho e, com certeza, poderá aglutinar vários setores em nossa defesa sobre a educação.

Nessa luta, várias bandeiras podem taticamente despertar a consciência e a participação dos jovens estudantes, nas escolas ou nas universidades e junto aos trabalhadores. O quadro caótico da educação pública no ensino básico e médio, o modelo pedagógico por ela adotado, a falta de vagas nas universidades, a ausência de autonomia universitária, o debate sobre o papel social da educação e sua referência para o desenvolvimento de pesquisas, representam um importante espaço para a União da Juventude Rebelião desenvolver essas lutas.

Se abraçarmos com dedicação e continuidade essas reivindicações conseguiremos fazer um debate da educação que acumule mais no modelo de educação e de sociedade que queremos, cumprindo o papel de desenvolver lutas de rua, manifestações e atos públicos, mas sobretudo de denunciar o trato apresentado pelo capitalismo e como é necessária a sua superação para garantir o acesso ao conhecimento.

O debate sobre o livre acesso à universidade é uma prova viva desse espaço aberto. Em poucos anos essa tornou-se uma bandeira inquestionável na luta da educação. A posição política da UJR de lutar pelo fim do vestibular e pelo livre acesso à universidade ganhou eco na sociedade, denunciando a situação do Brasil ser o país de menor acesso ao ensino superior na América Latina, e mobilizando estudantes nessa luta. No entanto é preciso assumir um novo patamar, promover ações mais ousadas que coloquem em xeque o famigerado vestibular, a indústria dos cursinhos e que garanta vagas para todos nas universidades públicas.

Todo esse movimento fez com que, recentemente, o Ministério da Educação criasse o “Novo ENEM”, modificando a abordagem da prova, sem, contudo resolver o grande problema do acesso ao ensino superior, o da falta de vagas nas universidades. Em 2009, 4,5 milhões de jovens se inscreveram para as provas do Novo ENEM, para disputar pouco mais de 300 mil vagas. Quer dizer, de qualquer forma 4,2 milhões de jovens ficarão de fora das universidades federais por conta da falta de vagas.

Outras duas questões merecem destaque: o financiamento público, com a aplicação de 10% do PIB para educação a partir do fim do pagamento da dívida pública; e a transformação radical do modelo de educação que temos. Essas são questões que não podemos abrir mão em nossa agitação política, pois isso passa por obrigar o Estado à plena garantia da educação, e democratizar de fato o conhecimento, envolvendo estudantes, professores e trabalhadores da educação na busca do acesso ao conhecimento.

A bandeira da defesa da educação possui uma grande capacidade de mobilização com a juventude e pode ganhar diversos setores da sociedade para atuarmos conjuntamente, em especial os trabalhadores da educação e os sindicatos a que eles estão vinculados.

É papel dos revolucionários defender a unidade entre os trabalhadores, a sociedade e a juventude para que denunciar a forma com que a burguesia e o Estado brasileiro mantém a educação, tratando-a como uma simples mercadoria e acessível apenas aqueles que podem pagar, e não como um direito fundamental para o próprio desenvolvimento intelectual da sociedade.

Nossa intervenção no movimento estudantil nos dá uma grande possibilidade de intervir nos debates e nos rumos da educação nas escolas e universidades. Temos muito a avançar nesse debate da educação, e com certeza poderemos ganhar mais companheiros e companheiras se tratarmos com mais profundidade e lutas esse tema tão importante para os estudantes e trabalhadores da educação.

Defender a educação pública de qualidade, combater aqueles que se valem do lucro na educação, e apresentar a juventude o caminho da luta para garantir o direito de acesso ao conhecimento é tarefa das mais importantes da UJR, desgastando as tentativas do capitalismo de negar o direito a educação ao povo.

4. A UJR E O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Desde a sua fundação, em 1995, a União da Juventude Rebelião conseguiu ocupar um papel de destaque no movimento estudantil. Inúmeras mobilizações, participação em congressos e um contato vivo com a base do movimento nos permitiram aumentar a influência dos revolucionários junto à juventude brasileira.

A tarefa dos comunistas revolucionários no movimento estudantil é desgastar o sistema imperialista-capitalista e forjar quadros para a revolução. É do ponto de vista do cumprimento dessas tarefas que devemos fazer o balanço da nossa atuação.

Com essa compreensão e decisão a UJR tem conseguido dar uma justa contribuição a luta revolucionária, tendo formado vários quadros para o trabalho do Partido Comunista Revolucionário, e contribuído com o desgaste dos governos dos capitalistas e suas medidas anti-povo adotadas ao longo desses quinze anos desde a fundação da UJR.

Precisamos ter uma atenção ainda maior ao movimento estudantil, entendendo-o como grande porta de entrada dos jovens para conhecer o socialismo e compreender a necessidade da luta para a sua construção.

4.1 O MOVIMENTO SECUNDARISTA

Sem dúvidas, o movimento secundarista foi o espaço em que experimentamos o maior crescimento da UJR. Muitas foram as lutas dos estudantes secundaristas que dirigimos, dezenas foram as entidades organizadas por nós e o número de recrutamentos oriundos dessa frente sempre teve destaque em nossas fileiras.

O trabalho no movimento estudantil secundarista é, portanto, decisivo para a construção e o crescimento da UJR e do Partido. Porém nos últimos anos esse crescimento não manteve o mesmo ritmo. Alguns companheiros se acham velhos ou “bons” demais para o trabalho e querem sair da frente ou dizem perder o “entusiasmo”. Como resultado dessa “indisposição”, em alguns estados nos afastamos da massa de estudantes e deixamos de dirigir a luta por suas reivindicações.

É preciso, antes de tudo, entender a dimensão do trabalho que realizamos. O militante da nossa juventude que atua no movimento secundarista é um combatente não só do movimento estudantil, mas da luta para acabar com o capitalismo, com a exploração do homem pelo homem e construir uma nova sociedade, a sociedade socialista. É um combatente do socialismo que carrega na sua militância a responsabilidade histórica de afirmar o marxismo-leninismo e desmascarar as concepções burguesas e pequeno-burguesas do movimento.

A perspectiva de formar novos jovens revolucionários deve ser o norte dos planejamentos e das reuniões dos núcleos e células. Por possuir uma marca de combatividade e enfrentamento, o movimento secundarista tem um importante papel de formador de quadros e fortalece o potencial revolucionário da juventude.

Uma tarefa urgente para avançarmos no nosso trabalho secundarista é discutirmos, nacionalmente e em cada Estado, quem serão os companheiros responsáveis por essa frente e garantir

que cada um assuma essa tarefa com a compreensão de que é sua parcela de responsabilidade perante o Partido e a revolução. Com isso poderemos realizar uma discussão mais clara dos quadros e retomar o devido funcionamento da Coordenação Nacional Secundarista.

4.2 COMO DESENVOLVER O TRABALHO SECUNDARISTA?

Para desenvolver com mais êxito nosso trabalho, precisamos nos relacionar profundamente com os estudantes secundaristas e desenvolver suas lutas, com o objetivo de desgastar a ditadura do capital que destrói a escola pública para fortalecer o ensino privado, que cobra passagens caríssimas nos transportes públicos e exclui milhares de jovens do ensino superior.

A escola é, sem dúvidas, um grande espaço das contradições entre o discurso apresentado para a juventude quanto ao papel da educação, e de sua formação e a realidade que ele se depara. Uma educação desconectada da realidade e com déficit de profissionais, em boa parte dessas escolas precárias condições de ensino, salas de aula superlotadas, falta de acesso a quadras e espaços esportivos, laboratórios inexistentes e uma política crescente de repressão ao jovem, com adoção de medidas punitivas, inúmeras grades e restrições até mesmo de horários de acesso a escola.

Esse é um ambiente que em nada estimulam a juventude para o acesso ao conhecimento. A falta de democracia é constante e até mesmo adoção de medidas como controle de entrada e saída dão em vários aspectos características de prisão a essas instituições. Sem contar, que a perspectiva através da formação profissional praticamente inexistente, pois o número de escolas técnicas ainda é ínfimo diante das escolas brasileiras.

A indignação da juventude é marcante, e sem compreender as verdadeiras raízes desses problemas, sem enxergar perspectivas de mudança nessa realidade é comum os casos de vandalismo, por exemplo, contra a escola, pois aquilo nada representa para o esse estudante, se não mais um espaço criado para moldar sua vida e sua forma de pensar.

Portanto o desenvolvimento dessas contradições na formação e na consciência dessa juventude é uma das primeiras portas que podemos trabalhar, entendendo a luta pela educação e pela democracia nas escolas como uma ferramenta capaz de mobilizar amplamente os jovens e desmascarar a política que é adotada pelo sistema capitalista na tentativa de mecanicamente reproduzir sua visão de mundo e privar a juventude do acesso ao conhecimento.

Outra bandeira que temos um enorme potencial de enfrentamento e mobilização é a do transporte público, em especial nas capitais. Diante dos constantes e abusivos aumentos, e visando aumentar seus lucros, os capitalistas dos transportes tentam a todo momento diminuir os direitos estudantis e impor altíssimas tarifas e péssimo serviço para a população.

Nos últimos anos, inúmeras mobilizações contra os aumentos e em favor da meia-passagem e do passe livre ocorreram em todo o país, e dessa forma se manifestou um enorme potencial de participação e envolvimento da juventude na luta pelo direito a um transporte de qualidade.

O exemplo da luta pelo passe livre no Rio de Janeiro, e a sua manutenção, os embates contra os aumentos que chegaram a levar milhares de pessoas às ruas, como vimos em Recife, Salvador e Florianópolis, mostram que essa bandeira precisa ter centralidade em nossa agitação.

Dessa forma devemos manter debates permanentes sobre a questão do transporte público, até porque segundo estudos dos próprios empresários, cerca de 20% dos usuários dos transportes

coletivos são estudantes, e isso coloca uma grande parcela dos jovens utilizando os ônibus diariamente, convivendo com as dificuldades de ônibus lotados, frota reduzida e tarifas que cada vez mais pesam no bolso da classe trabalhadora.

Para assumir a direção dessas lutas e intensificar nossa influência sobre as massas, somente com uma profunda relação com os secundaristas e colocando em torno de nós um número cada vez maior de jovens em movimento poderemos recrutar os melhores e desenvolver um grande trabalho de formação de quadros. A atuação nas entidades estudantis, nacional, estaduais, municipais, regionais e grêmios estudantis, nos permitem estar mais próximo das reivindicações estudantis e de suas lutas.

Os grêmios estudantis, como entidades que representam os estudantes em cada escola, são o primeiro lugar procurado pelo jovem que tem interesse de participar do movimento e conhecer a luta. Portanto para obtermos um poder de influência sobre os estudantes brasileiros que permita dirigir suas lutas e extrair quadros para a revolução devemos tratar com seriedade e prioridade o trabalho nos grêmios estudantis.

Em junho de 2009 realizamos um ativo nacional secundarista onde evidenciamos a necessidade radicalizar nessa posição e empreender os esforços necessários para que tenhamos centenas de grêmios estudantis sobre a influência da UJR. Essa decisão precisa ser cumprida, e essa é uma responsabilidade de todos os militantes.

A fundação das entidades estudantis secundaristas constituiu uma importante vitória para o trabalho político da UJR e para a luta dos estudantes. O objetivo de participar das entidades estudantis é dar ao movimento secundarista um caráter combativo, uma direção revolucionária, para que ele cumpra o seu papel.

Para chegar aos nossos objetivos, nosso trabalho nas entidades estudantis deve ser o de aproximar o máximo de estudantes de suas entidades, de colocar em movimento, em torno das entidades, o máximo de jovens. Portanto nossas entidades devem conservar uma profunda relação com a massa de estudantes secundaristas.

Isso só é possível na medida em que nossas entidades tenham vida, elaborem jornais informativos, organizem palestras, plenárias, passeatas, campeonatos esportivos, etc. Não podemos nos contentar em estar à frente das entidades, transformando essa direção em algo formal, mas fazer de nossas entidades as mais combativas e mais representativas dos estudantes.

Outra decisão muito importante para que as entidades tenham profunda relação com os estudantes é saber definir quais as lutas que vamos desenvolver em cada momento. Não podemos secundarizar a importância das bandeiras de luta de nossas entidades. Devemos definir as bandeiras de luta levando em conta a realidade dos estudantes e seu nível de consciência dos estudantes, etc. Não podemos decidir as reivindicações pelas quais lutaram nossas entidades de nossa cabeça, é preciso partir das contradições dos secundaristas e de como eles percebem hoje essas contradições, dito de outro modo: é preciso partir da realidade.

E ainda, devemos refletir sobre como tratamos e como devemos tratar as bandeiras de luta dos estudantes. É comum tratarmos apenas como matéria de agitação para organizarmos passeatas durante as jornadas nacionais de lutas, o que é um erro grave.

As maiores manifestações que já realizamos tiveram um claro enfoque em realidades específicas dos estudantes, e contaram com o seu entusiasmo e participação. Basta lembrarmos as mobilizações contra o fim do passe-livre no Rio de Janeiro, as mobilizações do meio-passe em Belo Horizonte e contra as UEX's (unidade executoras) e o sucateamento da educação em Pernambuco.

Devemos compreender uma reivindicação da massa como uma luta, como uma batalha, com começo, meio e fim. Quando nossas entidades assumem uma luta dos estudantes devem assumir com o objetivo de conquistar e trabalhar para conquistar. A conquista de uma reivindicação, como fruto da luta coletiva é um importante aprendizado para aqueles que participam da luta, direta e indiretamente.

4.3 NOSSAS TAREFAS FRENTE A UBES

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES merece um destaque para a nossa avaliação. Com certeza essa é a entidade nacional que mais acumulamos e mais temos condições de influir nos rumos, por representarmos uma força decisiva na base do movimento, e por há três congressos da entidade assumirmos a condição de segunda-força na sua direção.

A burocracia e a falta de democracia na entidade são uma marca que a UJS/PCdoB não fazem a menor cerimônia em esconder. Credenciamentos fraudulentos, não realização de etapas estaduais, limitação na discussão política, e demais manobras para tentar a todo custo manter o controle sobre a entidade.

Na prática a UBES tem vivido uma situação de perda de sua representatividade política. De uma entidade que colocava milhares dos jovens nas ruas até poucos anos atrás, transformou-se numa entidade distante das lutas e que caminha pelos acordos e a conciliação.

Esse quadro só aumenta a nossa responsabilidade para dar um basta nesse entreguismo e conduzir a uma política revolucionária o movimento estudantil secundarista. Isso se dará a partir do momento em que tenhamos uma maior direção ao movimento, através de mais grêmios, mais lutas e mobilizações e de uma grande campanha de desgaste a política da UJS/PCdoB dentro da entidade.

Outra questão que aumentará a nossa capacidade de assumir a direção do movimento é retomar com mais decisão as campanhas nacionais de mobilização. Tivemos uma importante vitória quando as realizamos, e em especial nos anos de 2004 e 2007 obtivemos uma visibilidade que nos firmou como alternativa de direção no movimento estudantil secundarista.

Contudo, nossa última campanha de preparação ao Congresso da UBES nos evidenciou o quadro de que ainda precisamos crescer o nosso trabalho e superar várias debilidades. Ainda temos um trabalho que alcança apenas 14 estados para a disputa do congresso, o envolvimento dos militantes da UJR foi abaixo do esperado e não conseguimos verdadeiramente revolucionar a base do movimento estudantil para a tarefa de retomar a UBES para as lutas e mobilizações.

Essencialmente, não é a burocracia da UBES que nos impede de ocupar esse espaço, e sim a forma com que encaremos esse enfrentamento com o revisionismo, sem assumir verdadeiramente a nossa condição de revolucionários e sem ultrapassar as barreiras do trabalho cotidiano que realizamos. Isso se expressa na resistência a encarar metas mais ousadas para o trabalho e cumpri-las com êxito, e também em entender a prioridade que devemos ter para o trabalho nacional frente ao localismo.

Teremos até o próximo Congresso da UBES dois anos, tempo suficiente para que façamos as nossas auto-críticas devidas e coloquemos em luta a base do movimento estudantil secundarista, nos forjando enquanto direção política nacional a esse movimento. Para tanto, nossas tarefas são: 1) reconstruir o trabalho de grêmios estudantis em todos os estados que temos atuação; 2) desgastar a

política do reformismo da UJS/PCdoB dentro da UBES; 3) realizar mais atividades nacionais e regionais, como o ESEET e ENOET, organizando a base do movimento secundarista; 4) desenvolver lutas de massa que coloquem milhares de jovens em luta no próximo período; 5) recrutar e formar com mais ousadia militantes da UJR no trabalho secundarista; 6) Fortalecer o nosso trabalho na região sudeste; 7) Aumentar a capacidade de arrecadação de finanças das entidades estudantis;

4.4 A UNIVERSIDADE BRASILEIRA

A análise da situação das Universidades brasileiras demonstra que existe neste setor um potencial de crescimento considerável da política da UJR. Ainda que pesem as modificações que existiram no ensino superior no último período, a verdade é a que **a principal característica da Universidade brasileira continua sendo a da exclusão**. Os números falam por si: Apenas 13% da juventude conseguem acessar o ensino superior e, desses, 88% estão nas universidades pagas.

Esse quadro torna ainda mais aguda a luta ideológica no interior das Universidades. De um lado dessa luta, estão os que defendem a universidade popular gratuita, com qualidade referenciada no trabalho e de livre acesso ao povo; de outro lado, estão os que defendem a elitização, a cobrança de taxas, a qualidade voltada para o mercado e a privatização. Nessa luta ideológica, está em disputa uma massa de estudantes, divididos entre a conquista de um diploma formal para a pretensa solução de problemas individuais e a luta por uma formação integral, que nos torne capazes de cumprir nosso papel na sociedade.

Nas Universidades federais (57 instituições, maioria das públicas do país) a política do Ministério da Educação – MEC, não aponta para a solução dos problemas do ensino superior brasileiro. Carro-chefe dos projetos do MEC, o Programa de Reestruturação das Universidades – Reuni aplica, na prática, o que o governo federal entende por Reforma Universitária, uma contra-reforma na verdade, que instituí metas de aprovação, que diminui a relação professor/aluno¹ e transforma a grade curricular dos cursos através da criação dos bacharelados intedisciplinares².

É nosso papel entrar firme na disputa das conseqüências desse projeto em cada Universidade. Devemos denunciar a falta de recursos para as Universidades e para a própria expansão de vagas proposta pelo Reuni; devemos lutar e mobilizar contra as metas impostas, denunciando o jubramento³ e defendendo a pesquisa e a extensão como atividades inseparáveis do ensino; aproveitar a implantação dos ciclos básicos e dos bacharelados integrados para lutar contra os departamentos e o corporativismo dentro de cada Universidade.

Em relação às novas vagas criadas através do Reuni, devemos lutar por condições de permanência para os novos e antigos estudantes, bem como questionar e denunciar os cursos criados com orientação voltada para o mercado, sem relação com a solução dos reais problemas da sociedade brasileira.

Ainda nas federais, é de grande importância a luta por democracia no interior das Universidades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB ainda define regras retrógradas que limitam enormemente a participação dos estudantes e servidores na gestão da Universidade. Devemos realizar uma vigorosa campanha pela paridade (um terço de representação para cada segmento: professores, funcionários e estudantes) em todos os órgãos de decisão da Universidade em paralelo à luta contra o jubramento que atualmente é imposto, e por liberdade de organização dos movimentos estudantil e sindical.

Em todas as públicas deve ser centro da nossa luta econômica a mobilização pela assistência estudantil. Os índices de evasão são altíssimos e, ao contrário do que diz o governo, a causa principal desta evasão está na falta de condições econômicas de permanência na Universidade. Portanto, **a luta em defesa de bandejões e R.U's, pelo passe-livre e o meio-passe, pela moradia estudantil e por bolsas devem estar no centro das nossas mobilizações.**

É necessário, ainda, entrarmos firme nas mobilizações contra a atual avaliação institucional promovida pelo governo federal. Ontem foi o Provão e hoje é o ENADE, mas ambas as provas servem apenas aos interesses dos tubarões do ensino que a partir do ranqueamento, consequência natural dessas provas, fazem propagandas mentirosas sobre uma pretensa qualidade baseada na memorização de fórmulas. Devemos lutar pela conquista de uma avaliação de verdade, que abranja o ensino, a pesquisa e a extensão e que avalie a infra-estrutura, os professores e demais variantes do ensino, e não apenas os estudantes.

Notas:

01 Relação professor/aluno: Antes do Reuni, havia nas universidades brasileiras 1 professor para cada 9 estudantes. O Reuni obriga as universidades a dobrarem essa relação, estabelecendo 1 professor para cada 18 estudantes.

02 Bacharelados Interdisciplinares: Cursos superiores que englobam a matriz curricular básica de vários cursos de uma mesma área do conhecimento. No Brasil já estão instalados o Bacharelado em Ciência e Tecnologia, Bacharelado em Ciência e Humanidades, Bacharelado em Ciência e Economia, Bacharelado em Saúde Coletiva, e outros.

03 Jubilamento: É a expulsão de um estudante da Universidade pelo não cumprimento de determinadas metas de aprendizagem.

4.5 CONSTRUIR O MOVIMENTO NAS ESTADUAIS

Nas Universidades estaduais, devemos aprofundar nossa formulação debatendo um programa específico de lutas que unifique todos os estudantes destas Universidades. Deve fazer parte da nossa luta a defesa de uma regulamentação que defina responsabilidades estatais (inclusive federal) no financiamento das instituições e que crie regras claras para a garantia da gratuidade como princípio irrevogável.

Nas estaduais, a luta contra a privatização e a cobrança de taxas está muito latente e é uma bandeira que se coloca, junto com a defesa da assistência estudantil, com prioridade. Isso se agrava com uma política de expansão universitária extremamente precária, com a criação de campi no interior que não possuem as mínimas condições de ensino, com aulas em escolas ou prédios desativados do governo estadual. Essa lógica, juntamente com “parcerias” com as prefeituras cria também as autarquias municipais de ensino, que em geral funcionam como verdadeiras instituições privadas, com mensalidades e taxas para os estudantes.

Assim como nas federais, nessas instituições a questão da democracia tem grande peso. Pertencem às Universidades estaduais os estatutos mais retrógrados e antidemocráticos e essa realidade não mudará sem uma ação decidida e combativa do movimento estudantil.

4.6 AS UNIVERSIDADES PAGAS E O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Nunca devemos nos esquecer que a esmagadora maioria dos estudantes universitários brasileiros está nas universidades pagas (88% das matrículas). Claro está que nossa formulação para esse setor deve estar sempre apurada e, paulatinamente, se aprofundando. A seguir, alguns pontos centrais dessa formulação:

Regulamentação: É prioritária em nosso programa a estatização de todo o ensino, considerando que a educação não pode ser objeto de lucro, muito menos mercadoria. Como caminho para a conquista dessa bandeira, defendemos a regulamentação do ensino superior pago, proibindo a entrada do capital estrangeiro; estabelecendo a exigência da prática do ensino, pesquisa e extensão; estabelecendo a total transparência na gestão financeira das instituições, acompanhada do controle social; e a implantação de uma lei de mensalidades que proíba os abusos e a punição aos inadimplentes.

Democracia: A liberdade de organização dos movimentos estudantil e sindical no interior das Universidades pagas precisa ser conquistada. Segundo as leis brasileiras, todo o ensino, inclusive o pago, é de interesse público. Portanto, o ensino pago também deve ser objeto de controle público o que só será possível em um ambiente democrático e de livre organização.

Prouni: Criado em 2004, o Programa Universidade para todos ofereceu, no segundo semestre de 2009, 91.227 bolsas em Universidades pagas, dessas 57.432 são bolsas integrais. O Prouni se transformou em uma grande bóia de salvação para os tubarões de ensino no Brasil, que viram seus lucros subirem ano após ano através das isenções de impostos que o Prouni oferece. Junto a isso, cresceu também a concentração de capital no ensino superior em muito apoiada pelo Prouni, considerando que as maiores universidades são as que conseguem maiores isenções.

Evidentemente, não podemos estar de acordo com o apoio dado pelo governo federal aos tubarões de ensino, e devemos defender a aplicação do dinheiro do Prouni nas universidades públicas, assim como a garantia da matrícula dos estudantes que hoje estão no programa nestas universidades. É caminho para a conquista dessa bandeira a defesa de condições de permanência para os estudantes que ingressaram pelo Prouni, a garantia de assistência estudantil e de acesso às bolsas de pesquisa e trabalho oferecidas por cada universidade.

Qualidade: Devemos defender a qualidade nas pagas separando de maneira clara o que é a qualidade voltada para o mercado e o que a qualidade referenciada no trabalho. Nesse sentido deve estar presente nossa defesa da pesquisa e da extensão; a denúncia contra os abusos do ensino à distância; a defesa na qualidade dos laboratórios e bibliotecas e o acesso às bolsas.

4.7 NOSSAS TAREFAS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO

Hoje vivemos uma conjuntura bastante propícia para o crescimento do trabalho da UJR nas universidades. O crescimento do setor privado na educação faz com que a maioria dos estudantes se deparem com o problema dos constantes aumentos de mensalidades, o que traz um grande potencial de enfrentamento.

Nessas Universidades, o que existe é um verdadeiro vazio político, ainda que, durante os congressos da UNE, esta seja a principal base dos governistas que se utilizam dos piores métodos para levar os estudantes a votar na plenária final. Os DCE's, quando existem, são, majoritariamente,

dirigidos por grupos que se utilizam de acordos com a reitoria e do dinheiro da carteira de estudante para se manterem na diretoria da entidade, muitas vezes, sem realizar eleições.

Em geral, pouca ou praticamente nenhuma luta se desenvolve sob o pretexto da “apatia geral” dos estudantes. Nada mais falso. Mesmo ainda tendo um pequeno trabalho nesse setor, já vivemos importantes experiências de luta e mobilizações que nos permitiram gerar confrontos contra os capitalistas da educação. Nosso trabalho deve começar da base, organizando os CA’s/DA’s e aplicando nossa política de maneira profunda e paciente.

No caso das universidades públicas, que possuem um rico histórico de lutas, o peso do movimento estudantil tem outra dimensão. Em geral, as entidades estudantis de base (CA’s e DA’s) possuem uma referência bastante positiva diante dos estudantes, e precisamos assumir esses espaços para garantir que contribuam com a formação crítica dos estudantes, e colocá-los em movimento a partir de denúncias e lutas contra a situação de sucateamento que os governos impõem ao ensino superior.

Porém segue vigorando, majoritariamente, uma falsa polarização entre as forças governistas e o esquerdismo. Essa polarização traz expressa uma fraqueza dos grupos governistas que não conseguem disputar os DCE’s sem realizar grandes coalizões, muitas vezes com os grupos de direita, e uma debilidade do esquerdismo, que esconde uma prática de direita por trás de discursos ultrasquerdistas, propaga o anti-partidarismo e, muitas vezes, a anti-política.

Essa situação tem feito diminuir a capacidade de mobilização de vários DCE’s. Muitas mobilizações, ocupações e outras manifestações não têm os DCE’s como órgãos dirigentes e grupos de direita têm se fortalecido em universidades importantes como a USP e a UFRJ, a ponto de assumir a direção do DCE na UFRGS.

A experiência tem comprovado que, quando aplicamos de maneira firme e determinada nosso programa e nossa política para as Universidades públicas temos todas as condições de nos tornarmos a maioria dentro destas Universidades e dirigir, de maneira estável, os DCE’s. No entanto, nossa participação em DCE’s de universidades públicas ainda está muito aquém de nossa capacidade.

Para mudar esse quadro é preciso ampliar a agitação política e as lutas que fazemos nas universidades. Só assim conseguiremos ganhar espaço nas principais universidades do país, e pôr fim a essa disputa entre os que levam os estudantes para a paralisia ou para a inseqüência no movimento.

Acontece que para dar a nova cara que o movimento estudantil universitário precisa, devemos entender os erros que ainda padecemos em nosso trabalho e corrigi-los imediatamente. O primeiro deles é a falta de continuidade nas ações que realizamos. Passamos meses para promover uma mobilização concreta dos estudantes, realizamos poucas palestras e seminários, e muitos de nossos militantes vão à universidade apenas no período das eleições. Isso constitui um erro, porque nos afastam dos estudantes e dificulta nossa capacidade de entendimento das suas reivindicações mais sentidas, o que nos limita na tarefa de assumir a direção política do movimento. Se combatermos essa descontinuidade, sem que isso represente relegar as demais tarefas que temos, conseguiremos promover novas lutas e assumir a direção das entidades onde atuamos.

Outra questão chave esta expressa na nossa incapacidade de se desvencilhar do localismo no trabalho cotidiano. Muitas vezes nos limitamos a atuar anos e anos na mesma universidade, sem que tenhamos a iniciativa e a decisão política de visitar outra universidade (mesmo que seja na mesma cidade), e em particular nas universidades privadas. A criação da Comissão Nacional Universitária

tem nos permitido travar essa luta política com mais condições, porém precisamos que as coordenações estaduais ajudem nessa discussão.

4.8 UNE, UEE's e o movimento de área

Desde o II Congresso da UJR conseguimos dar uma maior atenção a disputa dos congressos da UNE e das entidades estaduais. Notadamente, somos a força que mais cresceu dentro da entidade nacional e, passados dois congressos, ocupamos espaço na executiva da entidade mais importante do movimento estudantil brasileiro.

As campanhas de mobilização do congresso da UNE representam o maior momento de enfrentamento na política do movimento estudantil. Nela nos deparamos com os governistas, setores esquerdistas, e até mesmo a direita, disputando espaços e debatendo ideias na base do movimento.

Nosso maior adversário nessa disputa ainda é a nossa subestimação a esse trabalho. O governismo, cada vez mais precisa fazer uma política rebaixada e perde espaços onde existe a disputa real do movimento. O esquerdismo não consegue estabelecer uma política estável nas entidades, e aqueles que apostaram na tentativa de fundar outra entidade a nível nacional se depararam com um verdadeiro fiasco.

O último Congresso da UNE evidenciou a UJR como a principal força de oposição ao reformismo do PCdoB/UJS dentro da entidade, organizando uma chapa que envolveu quase toda a esquerda na entidade. No entanto nossa meta é muito superior a isso, é de fazer uma revolução, e para isso precisamos encarar os nossos desafios com um potencial transformador e capaz de mobilizar a juventude brasileira nessa luta.

Nos maiores estados da disputa do congresso, ainda temos muito a crescer e se desenvolver, e precisamos de ousadia e determinação para cumprir esse objetivo. É papel da Coordenação Nacional Universitária – CNU, assumir essa responsabilidade, e construirmos uma campanha do Congresso da UNE que potencialize toda a nossa força e apresente nossa política.

Com o crescimento do nosso trabalho na frente universitária, ocupamos também espaços nas Uniões Estaduais de Estudantes em alguns estados. Precisamos fortalecer nossa atuação nesses espaços, com o objetivo de ampliar nosso trabalho para mais universidades e cidades. Precisamos trabalhar, também, nos estados onde somos mais fortes, com o objetivo de disputar ou fundar UEE's, considerando que estas entidades têm se tornado importantes instrumentos construção do movimento estudantil.

No que diz respeito às executivas/federações nacionais de curso, ainda que pesem a despolitização e caráter bastante festivo dos encontros nacionais e regionais, devemos trabalhar no sentido de participar, sempre que possível, dessas atividades, utilizando-as como espaço de propaganda e agitação. Não podemos deixar de estar presente nos encontros que englobam os CA's/DA's em que dirigimos, potencializando a participação massiva dos estudantes nesses encontros. Nosso objetivo principal é o de promover a agitação e a propaganda de nossas ideias e será fruto desse trabalho que poderemos ter os maiores ganhos políticos nesses encontros.

Uma importante experiência que deve ser aprimorada é a do Seminário Nacional Universidade Brasileira – SNUB, que realizamos em duas edições. Devemos trabalhar para transformá-lo em uma atividade anual, com o objetivo de mobilizar a nossa base e realizar um debate que aprofunde nossa formulação acerca do ensino superior brasileiro.

Nesse sentido são nossas prioridades para o próximo período: 1) Construir o trabalho universitário onde este não existe, realizando atividades nos estados onde nosso trabalho universitário ainda não está construído. 2) Disputar DCE's de visibilidade nacional, que permitam alargar e propagar para o país todo a nossa política. 3) Disputar e fundar UEE's nos estados onde somos mais fortes. 4) Organizar encontros regionais de cursos a partir dos DA's/CA's em que estamos mais enraizados. 5) Assumir com ousadia a tarefa de preparar uma campanha ao Congresso da UNE 2011 que nos permita ocupar o espaço devido dos revolucionários na entidade nacional dos universitários.